

ENTREVISTA COM O PROF. ELIAS BOAVENTURA*

BRUNO PUCCI

Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP
bpucci@unimep.br

JÚLIO ROMERO

Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP
romereto@terra.com.br

Bruno: O Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Unimep está celebrando, neste segundo semestre de 2002, trinta anos de existência e, ao mesmo tempo, está comemorando uma produção científica de 450 dissertações e 50 teses. No mês de setembro, de 24 a 27, acontecerá o simpósio comemorativo dos trinta anos da pós-graduação em Educação e estamos entrevistando algumas pessoas, alguns professores que foram significativos na construção dessa história. Hoje vamos entrevistar o Professor Elias Boaventura que, desde o início, acompanhou este Programa, porque quando o PPGE foi criado, em 1972, ele trabalhava na administração da Unimep naquela ocasião: Faculdades Integradas do Instituto Educacional Piracicabano. Ingressou no Programa de Pós-Graduação como aluno no primeiro semestre de 1973 e defendeu sua dissertação de mestrado em junho de 1978, sob orientação do Prof. José Luis Sigrist. Em 1975, quando as Faculdades Integradas transformaram-se em Universidade Metodista de Piracicaba, o Prof. Elias tornou-se seu primeiro vice-reitor, e depois, em 1978, reitor, cargo no qual permaneceu até 1986. Por consequência, nesse período acompanhou o PPGE como aluno e, posteriormente, como administrador. A partir de 1986, quando deixou a reitoria, tornou-se professor do PPGE, função que desempenha até os dias de hoje. Portanto, é uma pessoa que acompanhou nosso Programa desde o início, tem uma experiência muito grande construída no PPGE e tem muita coisa para contar. Para participar dessa entrevista, estão aqui dois professores do PPGE: Júlio Romero Ferreira, que também está no PPGE há muito tempo e acompanhou de perto boa parte da trajetória unimepiana do Prof. Elias, além de ser professor do Programa desde 1986 e seu coordenador há seis anos; e eu, Bruno Pucci, aluno da primeira turma do PPGE (1972), professor do Programa de 1979 a 1985 e de 1996 até hoje, ocupando, nesse momento, o cargo de coordenador.

Professor Elias, gostaria que, inicialmente, você contasse um pouco de como veio parar no Programa de Pós-Graduação em Educação.

* Esta entrevista foi feita em 2002 e publicada na edição 10.2 de 2003, quando o Prof. Elias Boaventura era professor do Programa de Pós-Graduação em Educação. O Prof. Boaventura faleceu em janeiro de 2012, mas optamos por manter a entrevista conforme seu original, falando no presente.

Elias: Recebi convite para fazer curso em São Carlos. Eu estava em Manhuaçu, Minas Gerais, era diretor de uma escola e presidente do conselho diretor do Granbery, em Juiz de Fora. Nessa ocasião, o Cogeime, que era presidido pelo Dr. Bittencourt, tinha interesse na formação de pessoas qualificadas e convidou-me para fazer um curso em São Carlos, o que não foi possível, não sei por quais razões. Daí fiquei aqui nas Faculdades Integradas e cursei o mestrado. A intenção primeira do Cogeime era preparar quadros para a nova etapa do ensino metodista, que crescia em função da abertura oferecida pelo golpe militar de 1964, com a privatização do ensino superior. A Igreja havia aberto faculdades no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Lins e aqui; essa foi a razão porque vim para Piracicaba.

A intenção foi transformar-me em membro do quadro que pudesse auxiliar no gerenciamento de instituições metodistas naquele momento estratégico.

Bruno: Você veio para Piracicaba e logo em seguida já assumiu funções administrativas nas Faculdades Integradas do IEP?

Elias: Assumi, inicialmente, a função de assessor do reitor, ligado ao setor de compras, verificação de preços, assistência à manutenção, além da função de conversação, de diálogo, pois o reitor precisava de alguém para mediar entendimentos. Essa era minha tarefa principal. Nessa função de assessor durei pouco; tenho a impressão de que foi só um ano. Daí eles me promoveram a diretor administrativo. Eu era um dos membros de um pequeno colegiado, junto com Enoc e Copatto. Este colegiado administrativo, na ausência do reitor, em viagem, tomava as decisões. Enoc era presidente desse colegiado e assim que foi criada a Universidade. Assumi a função de vice-reitor, que era uma função esvaziada, não tinha muito que fazer, porque o poder concentrava-se no reitor, Dr. Richard Eduard Senn. Mas eu também tinha um papel de mediação entre a reitoria e o Conselho Federal de Educação, porque este tinha grandes restrições a que tivéssemos um reitor norte-americano e era necessário alguém para conversar, para mediar. Eu frequentemente cumpri essa função com o segundo e o terceiro escalões do Conselho Federal de Educação, com os burocratas, tentando amainar essa resistência. Foi um período muito bom. Acredito que a contribuição foi razoável.

Neste mesmo período, recebi a incumbência de atuar em mediações internas, muito delicadas, junto aos diversos segmentos, principalmente do professorado e também junto a diversos segmentos da cidade.

Bruno: E como foi que você, sendo assessor da reitoria e, depois, vice-reitor – portanto, alguém que estava participando diretamente da gestão de uma Universidade em sua fase organizativa –, conseguiu acompanhar o curso de pós-graduação em Educação? É verdade que você não demorou tanto tempo para defender sua dissertação de mestrado, pois iniciou no primeiro semestre de 1973 e já no primeiro semestre de 1978 defendeu a dissertação, demorando aproximadamente cinco anos, coisa rara naquele tempo; além disso, você foi o primeiro a defender a dissertação na área de Administração Escolar, e a quarta defesa do PPGE. Fale um pouquinho de sua experiência de vida na pós-graduação. Como sentia a relação com os professores, com os colegas, com as disciplinas?

Elias: Quero classificar esse período de ruim, no sentido de que foi um período de dispersão e muito tenso. Ao mesmo tempo em que eu tinha que dar conta da administração, tinha que fazer o curso e, sobretudo, levar a efeito uma tarefa muito espinhosa, que era aquela de negociar. Eu era sempre o negociador da reitoria. Júlio se lembra, quando chegou dos Estados Unidos. Foram muitas as reuniões com o vice-reitor; meu papel era esse. O reitor era mais um tecnocrata, um homem de muita visão administrativa, de muito arrojo, mas de estopim curto. Não tinha paciência para negociar; sobretudo, não tinha paciência para negociar com as esquerdas, das quais tinha ojeriza, consideradas por ele baderneiras, interessadas em tumultuar. E a pós-graduação foi logo ganhando a forma de um programa liderado por elas, porque vieram da PUC. Os professores vieram, trouxeram marca muito importante para a pós-graduação. Por isso é que eu digo que foi um período de muito desgaste, muita tensão. Para vocês terem uma ideia, tive que comparecer a um comício em homenagem ao golpe militar de 64. Foi muito duro isso. O comício foi na praça e eu tive que ser uma nota destoante naquele encontro, no ato coordenado pelo Prof. Elias Sallum. Mas fui. O reitor pediu e era a minha tarefa. Fui, mas ele não gostou muito da minha atuação, porque ele queria que eu tivesse sido mais equilibrado; e ele tinha razão, apesar de que fui bastante equilibrado no meu ponto de vista. Ele tinha razão, porque eu era um representante dele e deveria ser seu porta-voz e não consegui, porque foi muito difícil fazer tanta transigência.

Na pós-graduação havia um ambiente muito bom, de grande expectativa. Era a esperança da Instituição naquele momento. A possibilidade de crescer academicamente estava realmente na pós-graduação. Era um programa, na época, considerado sério, bom, mas muito ousado, porque nasceu grande. Pode ser que minha memória esteja me traindo, mas creio que em número de cursos ele deveria ser maior do que hoje. Eram cursos de muitas naturezas, como História, Sociologia, Educação, Línguas e outros, todos tocados com quadros de fora, porque nós não tínhamos quadro nenhum. Mas ela representou uma grande esperança e fertilizou a Instituição. Quem trabalha mais no aspecto político via na pós-graduação um lugar para discussão. Por exemplo, no dia da minha dissertação, o pessoal de esquerda compareceu ali em massa, para debater, porque fui criando uma imagem que me foi um pouco prejudicial; acabei por me tornar suspeito perante a reitoria por minha aproximação com as áreas de esquerda. Minha dissertação já foi, nesse sentido, um momento de marcar posição. Era hora mesmo de clarear posição e definir espaço. Portanto, voltando à sua pergunta, a pós-graduação teve uma contribuição significativa naquele momento; foi a esperança, porque nossa imagem como Instituição não era a que se tem hoje; era uma imagem prejudicada, pois era muito ousada. A Instituição não era levada a sério; a qualidade de ensino era altamente questionada. Então a pós-graduação veio como que respaldar e melhorar o quadro. Tenho, hoje, na minha cabeça, que a contribuição foi altamente positiva, embora com muita reclamação, porque os professores estavam acostumados a um maior grau de liberdade, participação, de trabalho em colegiado e nossa administração era vertical, centralizadora, não dava espaço para um processo decisório mais amplo, como, aliás, era característico daquele momento, contaminado pelo autoritarismo dos militares.

Júlio: Elias, nessa época da sua defesa, essa questão da tensão interna na relação com a reitoria devia estar bastante forte, porque sua defesa é anterior à crise da sucessão de 1978.

Bruno: Um mês antes, praticamente...

Elias: Minha defesa explicitou essa tensão existente, porque o Prof. Sigrist, cavalheiro como sempre, achou por bem convidar o reitor como presidente de honra e o reitor não conseguiu ler a dissertação por falta de tempo. Ele só pegou a dissertação na véspera e havia algumas críticas ao sistema metodista, não muito contundentes, mas havia. Sobretudo havia uma crítica, que ele não aceitou de maneira nenhuma, sobre o aspecto centralizador do sistema e o desprezo que se fazia à memória. Por exemplo, a memória desta Instituição estava jogada num canto, um amontoado de livros, e fiz uma menção a este aspecto: “Nossa administração é centralizadora, pouco participativa e nada zelosa com referência à memória”. Minha crítica não era ao reitor, era ao sistema metodista, mas ele se ofendeu muito e reagiu negativamente, de modo bastante contundente e indelicado. A reação dele foi tão contundente que, quando voltei à reitoria, depois de aprovado e aplaudido (porque só tinha gente da esquerda na sala), ele me pediu desculpas, achou que nós não tínhamos mantido um diálogo decente e cristão ali na dissertação de mestrado, mas eu disse a ele que isso fazia parte da academia, que eu havia me sentido muito bem naquele debate e que ele não se preocupasse comigo, porque minha linha continuaria sendo aquela. Realmente eu era jovem e precipitado e, às vezes, conduzia a coisa de modo que hoje comportaria revisão. Se fosse hoje, eu não teria também aquela postura tão franca, tão deliberada, tão acintosa, como tive naquele momento. Mas foi bom, foi positivo. A dissertação, sobretudo em função desse atrito, teve uma repercussão extraordinária dentro da Igreja Metodista. Se vocês pegarem todas as dissertações escritas naquele momento (e “todas” aqui não é exagero, até porque eram poucas), elas citaram meu trabalho com a mesma reivindicação de abertura que eu pleiteava. Então essa dissertação permeou as instituições metodistas; foi muito solicitada. Tivemos que fazer cópias. Nela cometi erros de datas e outros e fico preocupado, porque muitas dissertações posteriores repetiram o mesmo erro, respaldando-se em mim, e não tinha jeito de pedir desculpas, nem de fazer errata, porque ela já estava disseminada. Portanto, foi uma contribuição da pós-graduação muito grande, pela ausência de obras naquele momento.

A pós-graduação iniciou uma fase nova nas instituições metodistas, onde, até então, as críticas acadêmicas eram sempre vistas com ódio, como disputa de poder e questões pessoais. Era algo doentio, que às vezes ainda ressurgiu.

Bruno: Voltando um pouco atrás. Você teve alguma participação na criação da pós-graduação ou foi uma iniciativa do Dr. Senn? O Dr. Senn consultou o trio que o assessorava ou foi um ato exclusivo dele?

Elias: Que eu me lembre, nós não fomos consultados. Ele era verticalista, e com contatos muito bons com alguns reitores da região, e tinha uma visão de pesquisa da Universidade, uma visão teórica bastante razoável por influência de sua origem nos Estados Unidos. Acredito que ele não confiava academicamente em nós porque realmente éramos muito

jovens, sem experiência universitária e com pouca experiência administrativa; eu não me recordo de ter sido consultado, não me lembro disso. Que eu me recorde, sua única consulta foi se convinha trazer o Prof. Neidson Rodrigues, porque, salvo engano, o Neidson já era mestre pela PUC de São Paulo, mas trazia alguma suspeição ideológica. Fui parcimonioso em minhas observações, mas o defendi.

Bruno: Ele foi orientando da Marilena Chauí.

Elias: É, não me lembro de onde ele estava na época. Dr. Senn me falou: “Eu acho muito bom, mas me disseram que ele é de esquerda. Você sabe se é verdade?”. Eu respondi: “Que eu saiba, não. Ele é uma pessoa de centro”. E eu tive que falar isso com muita dificuldade, porque o Neidson realmente já estava caminhando para a esquerda. Em seguida, perguntei ao Dr. Senn: “O que é ser de esquerda para o senhor?” Ele foi seco e respondeu: “Isto não vem ao caso agora; importa que ele seja competente e honesto”. O Prof. Neidson veio em função da Comunicação e também em função da pós-graduação. Mas não me lembro de ele ter consultado mais gente; ele consultava muito o pessoal da PUC de São Paulo – Severino, Saviani e outros.

Bruno: Voltando à sua dissertação de mestrado: *A educação metodista no Brasil: origem, evolução e ideologia*. A palavra “ideologia”, no título, nesse momento era bem significativa, e a tensão do Dr. Senn tinha a ver também com o fato de a Igreja Metodista estar num processo de tornar-se mais brasileira, menos norte-americana – ou essa perspectiva já tinha sido superada?

Elias: Vou dizer a você, que, naquele momento, a Igreja Metodista estava muito assustada. Houve, em 1968, uma rebelião na Faculdade de Teologia de Rudge Ramos, em São Bernardo, e ela perdeu grande número de seminaristas. Por essa ocasião, houve rebelião também no “ninho do saber”, a Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana em Campinas. Os jovens metodistas, seminaristas e a juventude, que na época era muito forte, não concordavam com a parceria da Igreja Metodista com o Governo Militar, e a Igreja Metodista foi efetivamente parceira, tanto em parte de seu episcopado como em parte de seu ministério. Os metodistas foram parceiros e chegaram a ser coniventes. O João dos Reis registra em sua tese de doutorado, e há outros registros também de que a Unimep foi criada para fazer parte de um tripé com a PUC de Campinas e Mogi das Cruzes, e ela deveria representar um tipo de resistência à Universidade de São Carlos, que eles, em Brasília, chamavam de “Universidade da greve permanente”, à PUC de São Paulo e também à Unicamp, que já caminhavam nessa direção. Nossa Universidade deveria demonstrar, junto com essas outras, que seria possível fazer uma universidade questionadora, crítica, sem ser uma universidade baderneira, como era a expressão que se usava na época. Então, esse era nosso papel. Gosto muito da ideia de que cada coisa traz em si o seu contrário, e isto ocorreu com a Unimep. Ela frustrou a área conservadora da Igreja e a truculência militar. Hoje eu me orgulho muito em ter sido útil a este desiderato e ter ajudado a Igreja Metodista a evitar este danoso erro.

Bruno: Fale um pouco mais sobre a tensão entre a Igreja brasileira e a Igreja americana.

Elias: Esta tensão entre as duas Igrejas é histórica, e creio que teve seu ponto máximo nas décadas de 1920 e 1930. Não me parece que isto tenha tido influência maior nas crises de 1970 e 1980. Já dissemos, em algum momento, que a Unimep gozava de muita simpatia da junta norte-americana que, por meio de seus emissários, chegou a participar de vários eventos.

Júlio: Então nós estamos aí no final da década de 1970. O senhor assumiu como reitor a partir de julho de 1978.

Elias: Houve um período de seis meses em que eu fui interino, logo após a saída do Dr. Senn.

Júlio: Foi o primeiro de seus dois mandatos? Oficialmente foi em 1979. Na pós-graduação, na realidade, alguns dos programas não continuaram, acho que até por causa dessa questão da dependência de professores externos, e chegou o momento em que nós ficamos apenas com o Programa de Educação. Só mais recentemente foram sendo abertos outros Programas de pós-graduação. Não sei se o senhor concorda com uma coisa. A Unimep, naquela época, estava acelerando os programas de pós-graduação, criando centros, expandindo sua estrutura física, porque não tinha como ficar no *campus* centro. Mas acho que a pós-graduação era uma coisa meio estranha, pelo menos para parte da comunidade universitária. Essa questão da própria condição de trabalho dos professores da pós-graduação e o sistema de custo eram muito diferentes da história da própria Instituição. Acho que foi uma experiência muito importante da Instituição, que tinha, em algumas áreas, a mentalidade de um grande colégio, e também nessa linha política, porque naquele momento a pós-graduação – não só aqui, mas em outras universidades do Brasil – começou a produzir esse pensamento crítico que não havia na graduação. Então acho que a Unimep, a partir dali, começou a ter essa respeitabilidade a partir de um pensamento mais à esquerda dentro da Universidade, dos professores e na administração.

Elias: Nós crescemos como instituição de modo inconsequente, bastante inconsequente. Vocês imaginam uma Faculdade de Educação Física sem piscina, sem quadra de esporte? Pois nossa Faculdade era assim: não havia piscina, não havia quadra, era tudo alugado. Uma Universidade sem biblioteca: a nossa biblioteca era paupérrima. Ela foi reprovada, na época, pelo Conselho Federal de Educação. E as engenharias? A origem delas é traumática. Essas engenharias de Santa Bárbara provocaram grandes sofrimentos para nós. Não havia máquinas, não havia oficina, não havia nada. Era sala de aula como sala de aula do curso de Direito antigo; era uma Universidade desacreditada, e com razão: um amontoado de cursos abertos comodamente. Quero insistir que, para dirigir esses cursos, foram recrutados jovens com pouca experiência universitária e sem títulos. De repente, entra uma pós-graduação prevalentemente de gente titulada e com todos os privilégios que a graduação não tinha. A pós-graduação pedia e levava; a graduação não tinha esses privilégios de horário, de gente de fora; Daí uma certa ojeriza interna à pós-graduação. Não sei se essa

ojeriza acabou.. Hoje faço a mesma pergunta. Não sei se nós, da pós-graduação, não temos uma situação ainda diferenciada em relação à graduação; nem sei se é possível manter um Programa de Pós-Graduação sério como esse sem esses privilégios. Na época, a pós-graduação chegou assim, para entrar em uma Universidade que só pensava em quantidade, preocupada com as dívidas, com a aquisição de patrimônio, porque ela se transformou em Universidade, e essa transformação exigia muito.

Quero relatar uma experiência nesse sentido. Fui a um Conselho Geral da Igreja Metodista no Bennett para pedir que a propriedade aqui passasse em nome do IEP. Canonicamente era impossível. Depois de mais de quatro horas de discussão, o Conselho Geral chegou à seguinte conclusão: “Você volta. Diga ao seu Reitor que você nunca esteve aqui, não trouxe o pedido. O Conselho não tomou conhecimento. Vocês decidam. O que vocês decidirem nós teremos depois que ver; não deixem de decidir”. Essa foi a decisão. Dr. Senn era um homem muito ousado, muito corajoso. Se não fosse ele, nós realmente não teríamos hoje essa Universidade, de jeito nenhum. Ele tratorava, passava por cima de tudo, era afoito; é a ele que devemos isso, porque sem ele não teríamos a Unimep. Seu crescimento e a consolidação exigiam, naquele momento, a pós-graduação, e ele veio, penetrou, contagiou, exigiu; vagarosamente foi conduzindo a Universidade para o leito correto. Ele teve uma grande influência nisso, porque os professores, que vieram da PUC e também da Unicamp, traziam uma experiência universitária sedimentada, eram titulares, não estavam acostumados com tanto verticalismo, e o reitor respeitava essa gente e, ao respeitá-la, necessariamente tinha que passar a respeitar também os acadêmicos que trabalhavam na graduação. Foi um processo de idas e vindas, de avanços e retrocessos, em que a pós-graduação ajudou muito, dado o respeito e a necessidade que se tinha dela. Não que fôssemos amantes da pós-graduação; é que sem pós-graduação não teríamos universidade. Ela era absolutamente necessária. Então era preciso preservá-la e o reitor preservava, mas os professores de pós-graduação foram “minadores”, fertilizadores, eles foram penetrando e a graduação gostou de imitá-los, foi contagiada por eles.

Bruno: Voltando ao período em que o senhor defendeu sua dissertação, junho de 1978. Se analisarmos a pós-graduação em seu início, percebemos os quatro professores que vieram da PUC – Severino, Saviani, Geraldo Ibnacco e Aquiles Von Zuben – e Sigrist, que veio da Unesp de Rio Claro (naquele momento não era ainda Unesp; era uma Faculdade isolada de Rio Claro); mas o referencial teórico-metodológico predominante entre esses docentes era a fenomenologia; eles traziam os pensadores fenomenólogos franceses para as salas de aulas da Unimep. Junto com os franceses veio também Paulo Freire. O Saviani transitava incipientemente, nesse momento, da fenomenologia para a dialética, mas em uma perspectiva idealista. No entanto, esse espaço de diálogo, de debate, que eles geraram no interior do PPGE a partir da fenomenologia foi fundamental. E como a fenomenologia, para alguns, foi um caminho intermediário para o materialismo histórico, a atuação docente e científica deles foi muito importante para a Unimep nesse período de transição. Concordo plenamente com você nesse ponto. Agora, veja só, no final de 1977 foi criada também a Adunimep – Associação dos

Docentes. Foi criada por chefes de departamentos, coordenadores de curso e, no seu interior, sim, já havia alguns companheiros, alguns colegas, com uma visão materialista da história, visão de esquerda, e que, de certa maneira, também se aproximaram desse espaço da pós-graduação. Eu julgo que a criação da Adunimep também foi importante no processo de certa “esquerdização” da Universidade. Você concorda com isso?

Elias: Concordo. Vejo o processo como extremamente complexo. Não sei se a gente pode falar em fenomenólogos de esquerda para aquele período, não sei se seria muito correto, e também não sei se a gente pode colocar o Saviani só como fenomenólogo.

Bruno: Naquele momento ele era.

Elias: De qualquer maneira, para o que havia aqui na Unimep, eram todos de esquerda.

Bruno: A ideologia dominante parecia ser da esquerda na Unimep; creio que não na Igreja.

Elias: Eram quase todos de esquerda. Agora, além disso, o processo é muito interessante. Você viu meu testemunho no seminário “Vida e Missão”, que a Pastoral realizou há poucos dias. Este documento foi aprovado lá em Belo Horizonte, e eu disse que quando os bispos chegaram, a casa já tinha o documento em cima da mesa, porque a Universidade é que tomou a dianteira: trouxe, mandou imprimir imediatamente. Semeamos o documento “Vida e Missão” na esperança de que nascesse o metodismo. Nasceu o PT, porque os membros do PT, Machado, Baijas Negri, Renato Maluf, Irineu Mafezolli e outros não eram professores de pós, mas seus namorados, e frequentavam muita coisa da pós-graduação. Minha dissertação eles frequentaram, pediram para ler e examinaram. Houve esse movimento de passagem. Pode ser que eles até fossem fenomenólogos. Creio até que eles quiseram semear a fenomenologia, mas deu dialética, felizmente, porque ferveu tudo, e quem plantou fenomenologia colheu materialismo histórico; quem semeou “Vida e Missão” acabou colhendo PT. Os partidos políticos nessa época já estavam organizados, ou ainda não?

Bruno: Ainda não, somente onze anos depois.

Elias: Mas aqui, internamente, vicejavam várias tendências: MR8, Centelha, PC, Causa Operária e outros, até mesmo CCC. Essa gente era politicamente inteligente para o momento, porque eles aproveitavam todos os espaços e namoraram a Pós com o olho esquerdo.

Bruno: O pessoal da Sociologia e da Semiótica, por exemplo, era mais da esquerda: Barriguelli, Deia Felon, Flávio Kothe... esse pessoal era bem de esquerda mesmo. Os professores da Educação eram antes fenomenólogos, depois avançaram... o Saviani primeiro, os outros depois. Mas os docentes dos outros cursos de pós da Unimep eram mais da esquerda, sim. Concorda?

Elias: Pois é. Então ocorreu isso. A esquerdização aconteceu e a Adunimep teve um papel preponderante, um papel fortíssimo, nessa ocasião. Creio que hoje ela já não tenha mais esse papel, porque era uma liderança organizada, dentro de um tempo exigente. Seminários provocavam desculpas para debater, e veio o pessoal da América Central, o Enrique

Dússel, Mortimer Ares e muitos outros, que trazíamos. Esse pessoal fazia debates com a Adunimep e com o pessoal interessado. Foi uma efervescência muito bonita, muito precipitada, sim, pouco ajuizada também; nós não tínhamos juízo político. Éramos jovens, mas foi muito bonito. Sem essa ousadia rebelde, não consentida, o processo não teria avançado. Aqueles jovens, mexendo-se corajosamente, provocaram reboliços, apesar dos equívocos.

Com todas as mudanças que ocorreram no mundo, em Piracicaba e na Universidade, creio que aquelas marcas ainda permanecem. Não vejo que tudo tenha sido perdido, não. Elas permanecem. É claro que essas marcas vão sendo amenizadas com o convívio. O mundo é outro. Aquelas radicalizações já não fazem muito sentido hoje; entrou teoria crítica no pedaço para amenizar. Então eu não sei se nós algum dia vamos perder essa marca. Acredito que hoje temos galeria, temos outro tipo de instituição, mas as marcas ficaram, pelo menos na memória, e também acredito que a reitoria não tem nenhum interesse em apagar esses sinais, essa identidade. A própria Igreja sente saudade e quer preservar essa marca de compromisso; nem sei se é de esquerda, mas de compromisso com os menos favorecidos e confessando a impotência diante do mercado. A Igreja reconhece que o mercado está forte, está mandando, que a Universidade não pode se afastar dos interesses mercadológicos senão ela não tem aluno; ela serve a uma classe privilegiada, mas é um balanço bonito, que vale a pena a gente ver e acompanhar. Podem estar certos de que após esse período na Unimep a Igreja Metodista nunca mais foi a mesma.

Agora, voltando à sua pergunta, a Adunimep exerceu um papel importantíssimo até na pós-graduação, ainda que hoje não percebamos isso. Porque a Unimep – não sei se tinha dinheiro ou se tinha vontade – não media esforços para chamar doutores da Unicamp, sobretudo para palestras, bancas, concursos e ela ajudou muito. Ela não atrapalhava, incomodava, chateava. A Adunimep era extremamente chata, questionava tudo, vigiava tudo e dava um trabalhão danado, mas foi boa, positiva. Guardo boas lembranças dela naquele tempo e tenho saudade de seu tipo de participação, quando nem tudo eram flores.

Bruno: Professor, vamos entrar agora na crise de 1978. Então aconteceu o Conselho Geral da Igreja. A situação estava bastante tensa e logo depois desse Conselho deu-se a renúncia do Dr. Senn.

Eu gostaria que você analisasse mais detidamente esse acontecimento. Mas, antes faço duas perguntas. A primeira, por curiosidade minha. O Neidson Rodrigues teve um papel importante no interior da Igreja, no sentido de democratizar a Universidade. A saída do Dr. Senn foi uma das consequências? E a segunda pergunta é: como se desenrolou o processo de tensão que gerou a saída do Dr. Senn? É verdade que a participação da Igreja foi importante nesse processo e que a comunidade, particularmente os professores por meio da Adunimep, apoiou a saída do Dr. Senn? Como você analisa esse período tão conturbado da Unimep?

Elias: Em primeiro lugar, o Dr. Senn foi sempre suspeito para o metodismo. Não por causa de atos desonestos, mas porque veio da Congregação Cristã para cá, e não se tornou um metodista arraigado, ou, pelo menos, não foi reconhecido como tal. Como membro de uma Igreja congregacional, ele criticava fortemente a estrutura da Igreja, porque era outra,

diferente daquela na qual foi criado. Viveu outra realidade, portanto, ele tinha um grau de suspeição. Além desse grau de suspeição, havia certa disputa de poder entre ele o Dr. Bittencourt, que foi o seu mentor intelectual e o trouxe para cá. O Dr. Bittencourt realmente almejava a reitoria da UNIMEP discretamente e com muita elegância.

Bruno: Ele morava onde?

Elias: Ele era do Conselho Federal de Educação. Ele foi para o Conselho, e no processo de criação da Unimep ele breiou várias iniciativas, inclusive influenciando em alguns pareceres que acabaram por não credenciar a Universidade. A Unimep só foi aprovada após longas negociações que, inclusive, incluíam o recredenciamento da Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro. Foi grande a persistência e a teimosia do Senn, o que, entretanto, não diminuiu seu grau de suspeição. Dr. Bittencourt, a seu modo, também gostou muito.

Para amenizar essa suspeição e fortalecê-lo perante a Igreja, ele provocou a vinda do Concílio Geral para Piracicaba, com vistas a obter respaldo para sua ousadia e fortalecê-lo perante a Igreja.

Neste episódio, Senn cometeu um equívoco imperdoável que acabou comprometendo seus planos. Ele colocou o Neidson como responsável pela publicidade e pediu a ele que organizasse um pequeno jornal para circular durante o Concílio; e me nomeou assessor dele. Como ele censurou de vez o boletim, nós protestamos. Aproveitei a ocasião para me demitir, para me afastar da vice-reitoria. Minha intenção, de fato, era me afastar porque eu tinha um convite para assumir a direção do Bennett, no Rio de Janeiro, onde cheguei a tomar posse. O Prof. Neidson estava de saída para Belo Horizonte.

Na época, o jornal que acompanhava de perto a Unimep, que tinha na redação o Prof. Adolfo Queiroz, era o *Diário*, que exagerou a manchete; colocou na primeira página até minha fotografia pedindo demissão da Unimep e coincidiu que, na segunda-feira seguinte, o *Jornal de Piracicaba* publicou uma reportagem do Dr. Senn, dizendo que a casa estava em ordem. Os alunos entraram em greve. O DCE teve um papel muito interessante: entrou em greve. Alguns professores também acompanharam a greve. O movimento tumultuou a Universidade. Como havia essa suspeita da Igreja, que não queria bem ao Dr. Senn e tinha sérias restrições ideológicas a mim, o Conselho Diretor resistiu até o último gole para aceitar minha entrada. Ele queria trazer um professor, um reitor de fora, neutro, que pusesse ordem na casa, pois não confiava nem no Dr. Senn nem em mim. Foi uma luta muito grande para que se chegasse a um acordo.

O Prof. Sigrist exerceu um papel muito importante, apontando que seria um equívoco tirar o Senn naquele momento. A Profa. Rinalva também defendeu a tese (“Olha, vamos criar colegiados, vamos ver se nós arranjamos isso.”), porque ele era uma peça muito importante. O erro foi que ele não fez concessões, a não ser na última hora, mas já era um momento tardio, não deu muito certo, mas foi um momento muito rico, que deixou saudades e lições.

Júlio: Essa discussão de 1978 e 1979, que envolvia professores e até a própria Unimep, dentro de um processo de solicitação da Universidade e crescimento de sua respei-

tabilidade, preocupava a Igreja, porque representava uma espécie de resistência às suas interferências. Como você vê isto?

Elias: Nas décadas de 1970 e 1980 cometemos imprudências sérias que provocaram desestabilizações saudáveis. Cito algumas: dois congressos da UNE, que se encontrava na clandestinidade e perseguida pelos militares. A Unimep forçou e obteve o apoio do Conselho Regional da Igreja Metodista. Também houve o apoio à juventude palestina, que realizou aqui seu congresso, e também à OLP, iniciativa que constituiu um escândalo nacional. Houve um interessante testemunho nesse Seminário, dentro dessa linha. Alguém considerou que o problema foi a inversão de papéis. Até então, a Igreja sempre havia dirigido as instituições. Depois de 1978, a Unimep passou a exercer a função de dirigir o pensamento da Igreja, e nós, muito jovens e pouco preparados, começamos a ter ousadias. Por exemplo, criamos um jornal chamado *Opção*, que, conforme testemunhou Ciori Trindade de Oliveira, que até hoje é da Igreja Metodista, teve mais penetração na Igreja do que o próprio *Expositor Cristão*, que é o órgão oficial da Igreja. Isso porque o *Opção* era gratuito e chegava em quantidade para a Igreja, sem despesa nenhuma. Então, um dos participantes relatou que ele ainda era aluno de 2º grau no Sul e que a diretora havia chamado sua mãe e dito: “Olha, nós estamos recebendo esse jornal dos comunistas lá de Piracicaba, mandando para o seu filho. Seria bom adverti-lo, porque ele está sendo trabalhado por esses comunistas de lá e é gente notoriamente perigosa”. Realmente, nós éramos provocadores do regime militar; protestávamos contra tudo, fazíamos manifestações, ganhamos penetração na *Folha de São Paulo*. Então era esse o ambiente que foi sendo gerado depois de 1978. A ala conservadora da Igreja não havia visto coisa igual. A Universidade tornou-se um monstro para ela, e esse monstro foi crescendo, avançando, o que preocupou muito.

Bruno: Vamos abordar agora o período que vai de 1978 a 1985, em que o Prof. Elias tomou-se reitor da Unimep. O PPGE vivia momentos difíceis e, ao mesmo tempo, de crescimento: a Pós ainda não era credenciada pela Capes. Os anos 1978 a 1985 constituíram um dos períodos mais fascinantes vividos pela Universidade Metodista de Piracicaba sob a direção do Prof. Elias. Também é nesse período que muitos metodistas são chamados para trabalhar na Unimep, e grande parte deles entrou no PPGE para cursar o Mestrado em Educação. Os metodistas aqui chegados não eram todos progressistas; havia muitos conservadores. Então, eu solicitaria ao Prof. Elias que fizesse uma abordagem mais geral desse período na Universidade, da situação do Programa de Pós-Graduação e, a partir daí, os entrevistadores levantariam questões pontuais.

Elias: Vou tentar dar uma ordem cronológica, embora eu tenha dificuldade com isso.

Uma vez que me efetivaram na reitoria, por influência, sobretudo, do Prof. Sigrist, a preocupação foi fortalecer os colegiados. Então a gente procurou por todos os meios alcançar esse objetivo. Havia uma metodologia que praticávamos, que nem era consciente. Jantares toda semana na casa de um ou de outro, e conversávamos no sentido de estruturar a Universidade, e falávamos de companheirismo, de gosto pela Universidade. Funcionários, professores, um grupo grande, trabalhavam com gosto, com alegria. Era um período de

efervescência muito grande. Nesse período foram fortalecidas a Adunimep e a Afiep. Com a Afiep, a reitoria promoveu encontros em Brodosqui, em Taicí, e em uma série de outros lugares, para que ela fosse criada. Favoreceu também o DCE. O Centro Acadêmico de Administração (ECA) era muito forte, mas a Pedagogia formava Departamento Acadêmico. Foi feito um movimento no sentido de tornar essa Universidade coletiva em seu processo decisório. Os departamentos foram prestigiados. Mas havia uma coisa muito interessante. O pessoal reclamava descentralização, mas não assumia, talvez por hábito. O problema era jogado para o departamento e o departamento devolvia à reitoria. Eram coisas notáveis. Era muito difícil que os órgãos colegiados assumissem os problemas. Também devo confessar: isto me fez centralizador.

O importante desse período de criação da Universidade de vanguarda é aquela vontade, aquela garra jovem, de criar uma Instituição compromissada. Como os partidos ainda se encontravam atrelados aos militares, todo mundo aproveitava o espaço da universidade para agir, e as organizações estudantis também eram aproveitadas por aquelas forças partidárias para caminhar. Mas o caminhar era lento, mais lento do que nós gostaríamos, e talvez mais rápido do que gostaria a cúpula, que estava acima de nós. Mas foi um período muito fértil.

Então vejam: no fim da década de 1970, e até a década de 1980, nós nos precipitamos, fomos imprudentes, e quero registrar algumas imprudências da década de 1980. Por exemplo: hospedar dois congressos da UNE foi considerado uma rebeldia enorme. A Igreja, dado o poder de persuasão da Unimep e do Conselho Regional, aprovou o Congresso da UNE. Não havia outro jeito. Então foi uma coisa respaldada pela Igreja: dois Congressos da UNE. O Congresso dos Palestinos, já no apagar das luzes, provocou demais a ala conservadora da Igreja. O congresso, na verdade, era da Sanaud, da juventude palestina. Depois, um seminário com a OLP. Isso foi um escândalo nacional, porque a Federação Israelita encarregou-se de publicar nos grandes jornais do País um manifesto contrário à Unimep. Foram precipitações, além de outras coisas miúdas; por exemplo, eu tentei filiar a Unimep à Associação das Prostitutas em São Paulo. As prostitutas é que não aceitaram. Acharam que a Unimep era pior do que elas, não quiseram recebê-la. Mas nós fizemos todo um esforço, fomos à reunião delas em São Paulo para filiação e para propor a realização de um Congresso das Prostitutas aqui em Piracicaba, mas elas não aceitaram.

Nós criamos o Colegiado Ideológico, que na primeira reunião explodiu. Havia Libelu, MR8, PC, PC do B, Centelha e outras tendências de que agora não me recordo. Essa reunião terminou quase a tapas. Ninguém se entendeu nesse Colegiado Ideológico. Foi uma precipitação. Naqueles momentos, todo mundo queria participar nessas experiências, de muitos erros; alunos e professores sentiam-se efetivamente participantes nesse pré-1985. Minha recondução à reitoria foi feita já em cima de reivindicações dos diversos colegiados que estavam funcionando (em 1982-1983). Os colegiados mandaram um manifesto de apoio para a Igreja, e assim por diante.

Depois disso, a Igreja feriu-se muito com pequenas coisas que passaram a acontecer. Eu me lembro de uma prostituta, chamada Tuca, que a reitoria apoiou. Ela estava condenada a cinco anos de cadeia em Santa Bárbara (ela morava lá). Ninguém tomava providência. Aí

ela se tornou amante da mulher do juiz, que exigiu sua prisão. Então a Unimep chamou essa prostituta e disse: “Nós vamos fazer sua defesa”, e fizemos tudo para que ela não fosse presa. Infelizmente ela foi condenada, porque matou uma pessoa em seguida. Esses atos de apoio a marginais (assumimos a defesa de dois marginais que haviam matado um taxista, pai de um aluno nosso, e também de uma menina que matou o pai porque ele queria ter relação sexual com ela), atos fuinhas, digamos assim, foram todos levados para a Igreja e explodiam em conselhos. Foi-se criando aquela atmosfera de que nós estávamos fora do caminho. Eu acredito que estávamos mesmo, porque aquilo não era tarefa da Universidade, mas deu resultado e fortaleceu o testemunho solidário da Igreja. Por isso me foi difícil entender a incompreensão conservadora metodista, uma vez que estávamos vivendo o “Vida e Missão”.

Júlio: Eu acho que esse período também é importante. Depois do milagre econômico, que teve início na década de 1980, a Unimep cresceu em todos os sentidos: físico, de matrícula etc. Mas eu não me lembro bem. Recordo que houve uma crise econômica, não sei se foi em 1982, 1983, por aí; naquele período teve um ano, um ano e meio (eu lembro porque eu participava dos colegiados) em que a questão financeira da Unimep teve uma queda. Foi uma coisa geral, não foi coisa da UNIMEFJ. Houve uma retração econômica no País. Eu me lembro de que isso, naquele momento, internamente, deve ter gerado alguma preocupação na mantenedora e também no Conselho Diretor.

Elias: Essa preocupação foi muito forte. Eu me lembro de uma entrevista que dei, pedindo aos candidatos aprovados no vestibular que tomassem cuidados antes de se matricular. Se eles não tivessem capacidade de pagar e não obtivessem bolsas, não se matriculassem, porque uma vitória poderia se tomar uma grande derrota, e alguém levou essa coisa para frente, afirmando que o reitor estava fazendo campanha contra a Universidade. Realmente era triste ver uma quantidade enorme de alunos se matriculando sem poder pagar. Ninguém era levado a protesto; nunca levamos ninguém a protesto. E veio essa crise de que o Júlio está falando. Afetou a PUC de São Paulo, que quase fechou. Afetou, sobretudo, as universidades mais críticas. A PUC de Campinas sentiu essa crise, mas pouco, porque tinha lá o Barretinho, tinha gente com trânsito no Governo Militar. Quando pedimos ajuda ao Governo Militar, foi negado de modo tremendamente contundente. Aqui havia o Abner Perpétuo, que era do PTB, aliado a Jânio Quadros e outros conservadores. Eles levaram o Jânio a fazer um bilhete para o Ministério, pedindo para negar ajuda à Unimep, que era um ninho de comunistas. Essa pecha de comunista atrapalhava demais, e não tivemos ajuda de ninguém; ninguém do governo auxiliou. Nem o estado. Não saiu empréstimo de lugar nenhum para nós por causa dessa cobrança, que era legítima, porque nós éramos impertinentes. O ambiente era esse e a Universidade postava-se abertamente contra o Regime Militar. Apesar de tudo, não tive um só momento de arrependimento em relação à postura progressista que assumi na reitoria. Se pouco nos foi possível realizar com nosso Projeto Periferia e nossa postura de solidariedade aos mais frágeis, os sinais ficaram, e tenho certeza de que, pela nossa contundência, evitamos torturas e até mortes.

Bruno: Conte um pouco mais sobre essa leva de metodistas que você trouxe para cá e sobre a tensão que eles acabaram gerando no interior da Unimep, porque, ao mesmo tempo em que entre eles havia alguns vinculados ao setor mais progressista da Igreja, você abriu espaço para outros conservadores, então a tensão tornou-se mais forte.

Elias: O interessante naquele momento, para a reitoria, era quebrar a resistência da ala conservadora da Igreja. Como é que nós podíamos quebrar isso? Houve uma crise na Faculdade de São Bernardo, onde estavam o Clori, o Ely (que hoje é o vice-reitor acadêmico), a Alba, que foi diretora do IEP (hoje diretora do IPA), e o Nilo Belloto, que ocupou a Pastoral. Eram intelectuais que trabalhavam lá, mestres e doutores que estavam trabalhando. Então nós chamamos essa gente para cá para reforçar a equipe porque eles tinham boa cabeça. Mas, note bem, a vinda deles para cá não tranquilizou a Igreja. Ao contrário, ouriçou, porque a Igreja estava brigada com eles na Faculdade de Teologia, que é o coração dela. Eles eram suspeitos lá. Nós trouxemos gente conservadora, como o Dr. José Gomes de Campos, ligado ao golpe militar, mas era pessoa chamada para todas as intervenções de instituições metodistas. Ele é que representava a Igreja, para conviver com os militares. Ele teve papel importante no Bennett. Era uma pessoa que tinha respeitabilidade muito grande na Igreja conservadora. Ele até se chocou com o convite (foi chamado para ser assessor da reitoria), mas veio e cumpriu um papel importantíssimo no sentido de tranquilizar a Igreja.

Simultaneamente, nós fizemos um arrebanhar de pessoas mais jovens, por exemplo, temos aí hoje a Rosa. Nesse período vieram pelo menos oito pessoas, ou dez, de Juiz de Fora; jovens sem preparo, que deveriam fazer aqui cursos especiais para trabalhar no magistério. Não deu muito certo porque esses jovens metodistas, com raras exceções, não quiseram enfrentar a Academia. Preferiram ficar escondidos na saia do poder. Então não fizeram carreira acadêmica. Ninguém fez carreira acadêmica. Ajudaram muito na administração, mas não ajudaram na Academia: não penetraram lá. Era a coisa mais difícil encontrar metodista que quisesse ser professor. Eles queriam ser funcionários; professores, não. Mesmo esses professores que vieram do IMS de São Paulo não foram para as salas de aulas. Tenho a impressão de que o Ely nunca deu aula. Clori também não queria a Academia. Então, esse arrebanhado de metodistas teve duas finalidades: tranquilizar a Igreja e convertê-la ao processo. Tenho a impressão de que não conseguimos nenhuma das duas coisas. Não houve conversão nem tranquilidade, mas eles ficaram aí. O Almir veio nesse período, mais tarde um pouco. Era uma pessoa que tranquilizava a Igreja. Ele tinha trânsito na cúpula, era dentista, já com certo nome em Juiz de Fora, de família tradicional. Veio para trazer essa tranquilidade à Igreja; e trouxe.

Bruno: Ele já era seu vice?

Elias: Ele foi meu vice assim que eu assumi.

Júlio: Ele veio como diretor do Centro de Ciências Biológicas, depois é que assumiu a vice-reitoria.

Elias: Ele assumiu depois que eu fiquei definitivo.

Júlio: E o Davi ficou um tempo antes de voltar para o exterior?

Elias: Davi ficou na assessoria de administração. Foi um esforço de preparar quadros metodistas. Esses quadros estão aí até hoje. Gustavo, Ely, Almir e Davi foram quadros preparados naquela ocasião. Os quadros mais à esquerda preferiram migrar para as universidades federais, como foram os casos do Prof. Neidson, Peri e outros. Mas foram arrebanhados também. Foi um esforço muito grande, e a Igreja hoje reconhece que foi útil, porque o pessoal que saiu daqui também ajudou no IMS, ajudou no Bennett; de lá do Bennett veio o Acir Goulart. Foi um arrebanhado de metodistas rebeldes e deslocados que deu certo.

Bruno: Duas coisas – eu queria examinar, ainda nesse período, primeiro, a relação da reitoria, da administração central com a pós-graduação. Houve um entusiasmo no início do PPGE, professores que vieram de fora e a Universidade deu todo à criação do Programa. Mas alguns anos depois esses professores foram embora e ficou só o Prof. Sigrist. Aí se acentuaram as dificuldades, porque não havia um quadro fixo de professores na Pós e, cada vez mais, a Capes vai assumindo o controle da pós-graduação do Brasil e criando exigências para seu funcionamento. Parece-me que é nesse período que o Programa de Pós-Graduação entra pela primeira vez na Capes com o pedido de credenciamento e lhe é negado. Como você analisa o apoio da reitoria à Pós nesse momento e o processo de negação do primeiro credenciamento? Essa é a primeira coisa.

Elias: Tenho dito que erramos muito, cometemos erros muito grandes, e não temos que pedir desculpas, porque não tínhamos preparo. Em grande parte do meu período de reitoria, a pós-graduação, para mim, pessoalmente, não era prioridade, como não era prioridade a pesquisa. A prioridade era a efervescência, era a participação de resistência ao golpe militar, a participação política, não no sentido partidário, mas no sentido de resistência. E nós éramos muito criticados exatamente por isso. A Pós não foi prioridade para mim. Se eu disser hoje que foi, creio que eu cairia numa incoerência muito grande, porque a pesquisa não era nosso forte; nosso forte era entrar e balançar o coreto, mexer com a tropa. A pós-graduação não era proibida e não tinha restrições financeiras, de poder, de trazer quadros dentro da normalidade. Não me lembro de ter posto qualquer obstáculo ao programa de Pós, mas, se houvesse necessidade de um empenho maior, não seria para ele, porque o Programa era aquele órgão que representava um equilíbrio, uma vontade de melhorar academicamente a Universidade, de trazer a pesquisa, e esse viés não sensibilizava a reitoria afoita, que tinha uma pessoa encarregada de ler os principais jornais e verificar o que e onde nós poderíamos entrar protestando. A Bia, que hoje está na assessoria de imprensa, com uma função bem diferente da que ela cumpria no meu período de reitoria, fazia isso; o Adolfo chegou a fazer também (“você vão ler os jornais e ver onde é que está havendo ato de autoritarismo para protestarmos”). Recordo-me de um protesto que fizemos contra o ministro. Mandamos o protesto, pois queria enquadrar alguém. Aquele enquadramento não resultava em nada e esse ministro encontrou-se com o Ulisses Panisset no avião e reclamou profundamente da Igreja Metodista (“Como é que pode uma Igreja, que deve ser o lugar de todos, fazer essas críticas?”) e o Ulisses tentou explicar que a Universidade não era a Igreja, que isso era coisa da Universidade, o que ficou

pior ainda. Mas havia essas repercussões. Portanto, como é que foi o convívio da Unimep com a pós-graduação na minha reitoria? Tranquilo. Eu frequentava as reuniões também, não havia nenhuma má vontade, mas não havia aquele entusiasmo que tínhamos em trazer bolivianos perseguidos pelo Garcia Meza, gente da América Central, cubanos, nicaraguenses. No Seminário Internacional de Educação Popular, que foi feito com El Salvador, Nicarágua, Cuba e Bolívia, o entusiasmo e a disponibilidade financeira que tínhamos para isso eram muito maiores do que em relação à Pós.

Bruno: E relacionado com isso (essa é a outra questão que eu quero lhe fazer), dada a efervescência no interior da Universidade, a presença marcante de setores de esquerda nela, aconteceram inúmeras pressões políticas externas sobre alguns professores tidos como esquerdistas, comunistas. Eu gostaria de saber se essas pressões vinham da Igreja ou do sistema?

Júlio: O senhor estava retomando, a despeito de ter feito toda essa política de certa aproximação rebelde à Igreja, mas a crise pareceu-me muito ligada ao fato de naquela época a Unimep estar submetida a uma região eclesiástica metodista. Também interferia relativamente a sensação de que este distanciamento da pós-graduação era um certo distanciamento da rotina acadêmica, porque a visão era muito mais voltada para o externo do que para o cotidiano na Universidade. Então, é interessante, professor, retomar essa questão, de como o incômodo dentro da região foi aumentando. Não foi controlado e acabou por provocar a intervenção?

Elias: O Conselho Regional era um órgão da Igreja de muito poder. Foi ele que convocou o Conselho Diretor e eles se reuniram aqui em Piracicaba, e três membros do Conselho Regional foram eleitos para tirar a reitoria: Hélio Manfrinato, Abner Perpétuo e Paulo Franco. A função era essa: tirar a reitoria que estava tumultuando. Mas a pressão política forte mesmo vinha do governo, porque a Igreja não tinha muita força para pressionar, embora pudesse tirar a direção nessa reunião, que houve na Fazendinha. O Conselho Regional deliberou afastar a política de esquerdização da Unimep e elegeu gente de direita para isso. Foi aí que se deu a intervenção. O problema nunca foi financeiro, mas ideológico, embora houvesse dificuldades. Esta questão é interessante. Cria-se uma imagem, trabalha-se em cima dela e, de repente, ela se transforma em fato irreversível. A forte boataria de que íamos vender o *campus* centro, de que a Igreja Moon era a compradora, de que o Dr. Bittencourt, que já havia participado da transação de outra instituição, estava oferecendo a Unimep a quem quisesse comprar, pegou, contaminou o mundo metodista e se tornou uma falsa verdade.

Bruno: Quem foi indicado como reitor?

Elias: O reitor era o Manfrinato, que me parecia uma pessoa séria. Eu era muito amigo dele; era daqui de Piracicaba, professor da Esalq, aposentado. Nós frequentávamos o Clube de Campo juntos. O Abner, vice-reitor, sempre foi um medíocre. Tenho que respeitar a memória dele, mas ele comprometeu a Instituição lá em Lins com atos pouco decentes. A

ele nunca teve nenhum respeito. Mas o Hélio Manfrinato era um acadêmico, extremamente conservador, e o inimigo número 1, para ele, era o PT. Não se podia falar de PT que ele já acabava a conversa. Eles foram eleitos no Concílio Regional para depor a Reitoria da Universidade e tentaram...

Júlio: Vamos para 1985.

Elias: Então, estamos em 1985, quando o Conselho Regional recompôs o Conselho Diretor, que tomou posse da reitoria às escondidas. O Conselho convocou também uma reunião, que eles consideravam secreta, para discutir a reitoria. Ficaram três dias em Piracicaba, mas a contraespionagem funcionou, porque eu estava sendo informado de tudo e, acredito, não sabiam que eu estava sendo informado, tanto que não foi surpresa. Esse novo Conselho Diretor se reuniu em férias, na residência do Manfrinato. Preferiu este período porque a Universidade não estava mobilizada e tomou todas as providências de afastamento. Foi em janeiro, com todo mundo virando e de férias. Notem bem que, oficialmente, o Conselho Diretor, a não ser no momento de descuido, não alegou questões ideológicas, nem a Igreja. Eu já fiz, e estamos continuando a fazer, pesquisas, porque estamos escrevendo a história da Unimep. Eu e a Teresa Sokolowski estamos tentando fazer. Não há nenhum momento em que a Igreja tenha oficialmente criticado os avanços ideológicos. O que ela criticou? A situação financeira. Baseou-se sempre na situação financeira. Uma baita mentira.

Júlio: Naqueles números lá de 1982-1983?

Elias: Números que nunca foram escondidos dela. Vocês se lembram de que eu fazia panfletos e mandava, mostrando a situação. Então, a alegação foi sempre de situação financeira; daí que o Jânio Quadros, na ocasião vivendo em São Paulo (que Deus o tenha e o diabo o proteja), disse que poderia arrumar naquela época a cifra de oito milhões em 15 dias, “desde que vocês afastem o reitor”. Foi essa a condição que o Jânio Quadros pôs para que o empréstimo saísse. O Perpétuo foi o porta-voz do Jânio e o Conselho Diretor aceitou. Ele achava que precisava do dinheiro, mas, com a rebelião interna, o empréstimo não foi possível.

Bruno: Ou seja, a Universidade ficou praticamente acéfala por quase 45 dias. E vocês, que estão tentando escrever a história da Unimep, tiveram acesso à ata dessa reunião do Conselho Diretor?

Elias: Sim, porque tenho cópias de quase todas essas atas. As que eu não tenho, a reitoria também não põe obstáculos à sua leitura. Então nós vamos fazer a história com base nelas, mas como estudante de história, porque não sou historiador. Tenho dito aos alunos e à minha equipe que, se quisermos saber as mentiras de uma Instituição, vamos às atas oficiais; o que as atas oficiais falam da crise tem muito pouco a ver com a realidade dela, porque negociavam comigo também: “Isso aqui põe, isso aqui não põe, nós vamos tirar este nome, vamos colocar este”; são atas negociadas, bem administradas, todos fazendo concessões. Você se lembra de que houve uma reunião em Campinas que provocou aqui um

grande descontentamento, porque foi aquela que pôs fim à crise. Eu fui para lá, não sei se você estava, acho que não, porque eles pediram para só ir o reitor e o vice-reitor. Então lá as negociações foram muito grandes, muito fortes, porque tínhamos ganhado aqui o mandado de segurança e fomos lá por cima e eles exigiram certas concessões, que não podíamos fazer, não tínhamos jeito de fazer; foi uma reunião até 1 hora da madrugada, uma reunião muito tensa. A ata daquela reunião é absolutamente mentirosa, embora me proteja. É uma ata que me protege, mas não registrou o bate-boca que houve lá. Cheguei a me irritar com a interlocução porque, naquela ocasião, acabei por abrir definitivamente o jogo, que eu já vinha abrindo (se vocês insistirem na intervenção eu vou colocar todas as falcaturas das negociações e interferências regionais do bispo, do Conselho e Concílio Regional, que eram muito fortes, muito ruins, e aí os ânimos foram se acalmando), mas foi uma negociação tensa. Não quero entrar nisso, mas aconselho: não confiem em atas oficiais.

Bruno: Como é que você se sentiu nesses 45 dias de intensa mobilização de professores, alunos, pessoas da Igreja vinculadas à reitoria, funcionários, assembleias, tensões e ocupação da reitoria? Como você se sentiu nesse processo todo?

Elias: No paraíso. Foi muito bonito. Eu me senti confortável. Porque os favelados montaram barracos aqui, fizeram resistência e a comunidade toda participou do meu lado.

Júlio: Porque, na época, a Unimep não tinha só o *campus* Centro; já tinha uma grande parte do *campus* Taquaral e tinha já alguma coisa em Santa Bárbara. Então o pessoal, para tentar tomar posse jurídica dos imóveis, às vezes estava no *campus* Centro, outras vinham tentar entrar no Taquaral, ou então havia um esquema de mobilização que envolvia os três *campi*, principalmente o Taquaral e o Centro, e o pessoal da Unimep ajudava muito nessas barricadas. Não foi assim?

Elias: Nos três *campi* se faziam refeições, para que ninguém precisasse sair. Eu me senti no paraíso, mas foi realmente um ato violento, porque tomamos uma decisão, que eu levei ao Conselho Regional: “Ou afasta essa intervenção, ou vamos pôr fogo na Unimep”, e mostrei o cadeado, a chave, e disse: “Todas as chaves estão em poder dos grevistas. O Centro de Computação está em poder deles. Eles, do Conselho, faziam apelos sentimentais. Você é irmão, é membro da Igreja. Olha o que você está fazendo.” Mas a postura que levamos era firme, e nisto a Adunimep ajudou muito. “Foi tudo bem, mas agora quem está com o poder da Universidade é o Comando de Greve e esse Comando está decidindo o seguinte: ou revertem isso, ou nós vamos partir para atos mais contundentes. Então todas as portas foram lacradas e foram colocados chicletes nas fechaduras. Fecharam com essa ameaça: se continuar a intervenção perversa, vamos acabar com o Centro de Computação.” Interessante, hoje, pensar nisso. Naquele momento acabaríamos mesmo com a Unimep, porque a intervenção era porca demais. Tomamos a tesouraria e a nova reitoria, que estava eleita, e não tomou posse. Naquele momento tenso aconteceu o encontro dos palestinos, e o Faria, que, por incrível que pareça, era um dos mais equilibrados, queria suspender o encontro. Então a minha decisão pessoal foi essa: “Podem suspender, mas ela será feita lá em casa”.

E eles resolveram não suspender. Foi muito bom. O apoio da academia se fez presente, não me lembro de dissidentes abertos, alunos todos unidos, favelados, maçonaria, Lions etc.

Houve uma data em que os adversários, aqueles que estavam querendo a reitoria, conseguiram uma ordem para invadir a Universidade e fazer retomada da posse, e a polícia chegou a se preparar para invadir. Quem impediu, de forma um pouco mais clara, foi o João Hermann Neto. Ele entrou no *campus* como deputado que era, e resistiu. Disse que ele não sairia dali, que se fossem invadir, teriam que passar por cima do pessoal, inclusive dele. O Paulo Renato teve uma atuação muito forte, porque ele era alguma coisa no Estado e foi ele quem conseguiu a contraordem para não haver a invasão.

Bruno: O Paulo Renato foi um dos primeiros presidentes da Adunicamp e uma vez, eu me lembro, no início ainda da Adunimep (começo de 1980), houve uma reunião das Associações de Docentes do Estado de São Paulo aqui na Unimep, lá no *campus* Centro, e o Paulo Renato estava lá.

Elias: Aliás, houve uma repercussão negativa, porque era proibido beber cerveja no *campus*, e depois da reunião eles fizeram uma pirâmide de latinhas de cerveja. Naquele período, tenho a impressão de que o governador era o Quércia.

Bruno: Eu acho que era o Montoro.

Elias: Não sei. Sei que ele tomou a decisão de suspender a invasão e conseguiu.

Bruno: Alguns deputados entraram nas negociações... Eu queria levar a conversa para outro lado, quando você deixa a reitoria e entra como professor no PPGE/Unimep. Gostaria de saber duas coisas: por que você não continuou reitor? Foi você que achou melhor sair naquele momento? Foi o Conselho Diretor que achou melhor sair com você? Como se deu a sucessão? E, me parece, quando você saiu da reitoria, foi para Mato Grosso do Sul como professor da Universidade Federal, e, ao mesmo tempo, continuou aqui também?

Elias: Então, retomando o processo anterior, a tentativa de me tirar foi um processo muito tenso e de muitos erros administrativos. Também foi um processo com um tipo de convívio originalíssimo, porque nós íamos a todos os concílios, congressos. Sempre que era possível, mandávamos professores, verbas para a publicação da Igreja. Ao mesmo tempo em que a Igreja tinha filhos rebeldes, ela tinha um tipo de serviço que nunca tinha tido antes, nem aqui nem em outra Instituição. Nenhuma outra Instituição se preocupou mais com a preparação de quadros metodistas do que a Unimep. Tanto que é só dar um balancete hoje que vocês vão ver quadros da Unimep por toda a parte, ocupando as Instituições até hoje. Rinalva, Davi, Almir, Acir, Ely, Arsênio e tantos outros foram quadros que passaram pela Unimep naquele período e hoje estão na ativa. A administração de escolas metodistas no Brasil sempre foi um crematório de bons quadros. Isto mudou muito com a crise da Unimep. Mas, às vezes, tenho a sensação de que a tendência ainda ensaia voltar. A Igreja chegou à seguinte conclusão: “O Elias não pode ficar. Não temos força para ele sair neste momento. Temos que negociar isso com ele lá na Unimep”. Pela primeira vez na história

do metodismo brasileiro houve negociações para o principal quadro, que foi o de reitor. A Igreja teve que fazer concessões muito grandes e, internamente, na Unimep, também houve compreensão e concessões.

Júlio: Uma das respostas que a Igreja chegou a colocar na mesa foi a de que o Almir assumisse no lugar do Elias.

Elias: O que nós não aceitamos. O Almir também não aceitou. Então ele entrou na negociação, porque eles queriam trazer gente de fora, para limpar o ambiente e arejá-lo (não houve conversa internamente sobre isto). Eu estava fazendo a negociação e disse que eu sairia; internamente não haveria resistência, porque o pessoal já estava cansado. Eu já tinha dado o que podia dar. Todos nós estávamos exaustos. “Que eu saia não é problema. Posso até gerenciar minha saída. Agora, que venha gente de fora é inegociável. Vai haver outro problema.” Se eu disser para vocês que eu não queria ficar, seria apenas uma maneira de me proteger. Agora, sair com dignidade, todo mundo concordava com isso. Então eu fui o negociador da nova reitoria. Ajudei a compor a nova reitoria e os novos quadros. Esta foi uma concessão feita pela Igreja, pelo Conselho Diretor da época, muito forte. Acertou-se que não haveria perseguição ou punição a quem quer que tivesse participado. Vocês viram que minha continuação aqui foi tranquila. Ofereceram-me um emprego, ofereceram-me bolsa para eu ir para os Estados Unidos e eu iria com o meu salário. Não aceitei. Nessas negociações ficou claro: ninguém aqui vai ser retirado. A UNIMEP não tem cargos de confiança; os cargos aqui são coletivos, devem ser indicados pela coletividade, chefia, departamento, tudo mais. Não cabe perseguição onde se vive democracia.

Bruno: O Almir foi indicação sua, ou havia outros que pleiteavam a indicação nesse momento?

Elias: Não. Nós fechamos o tempo. Agora não me lembro bem se nós discutíamos isso com o comando, com o pessoal. Mas houve um fechar de tempo em torno de quem ocuparia o lugar do reitor; não foi tranquilo que ele deveria ser o meu substituto antes de vencer o mandato. Ele mesmo disse: “Para tirar o Elias, não”. A intervenção caiu.

Júlio: A briga no ponto de vista é aquela coisa até emblemática. É assegurar o pleno cumprimento do mandato de que o estatuto falava, dos dois, uma vez que eles foram eleitos. Então era uma coisa muito interessante, porque realmente havia muita pressão para que o Almir fosse a solução da crise, mas ele não aceitou. Então essas discussões já foram uma sinalização após o término do mandato, que foi em 1986.

Elias: Agora não sei se hoje ele se lembra disso; ele e o Ely, porque o Ely foi o primeiro vice do Almir, quando havia um só, não foi?

Júlio: Ele era diretor acadêmico.

Elias: Quem era o vice do Almir?

Júlio: Era o Davi.

Elias: Houve negociações. Hoje não sei se o Almir vai se lembrar de continuar o processo democrático de estabelecer um bom convívio com a Adunimep. Houve negociações muito claras na ocasião em que o Almir assumiu. Ele estava muito tranquilo de entrar no meu lugar. Eu disse: “Pode ir tranquilo que eu não vou me meter. Só vou querer meu espaço de professor”. E, de fato, até hoje me distancio das decisões da reitoria porque fizemos esse pacto. Ele estava muito temeroso na ocasião de assumir a direção, mas foi uma sucessão negociada e tranquila, não houve maiores constrangimentos.

Júlio: Estou me lembrando dos cargos aqui porque naquela época havia a figura do diretor geral, que era o mesmo do reitor, e o vice-diretor geral, que era o mesmo do vice-reitor; não havia essa separação vice-reitor administrativo e acadêmico. Numa outra gestão, a que vem quatro anos depois, é que é aprovada a criação de vice-reitoria acadêmica. Até então, o Prof. Ely era diretor acadêmico da Universidade; o cargo era de diretor, não de vice-reitor. Depois, numa gestão futura, houve a troca de reitor, vice-reitor administrativo, que continuaram sendo o vice-diretor geral e o vice-reitor acadêmico, mas ali o trio era Almir, Ely e Davi.

Elias: E aí é interessante ressaltar o papel da Pós nessa negociação. Porque o homem forte, a quem todos nós respeitamos, era o Sigrist, o grande negociador, e ele trazia a postura da Pós. Ele deu uma excelente contribuição.

Bruno: Não sei se estou sendo impertinente, mas, quando o Prof. Almir foi indicado para assumir a reitoria, havia algum outro nome que a Igreja, ou outros setores dela, ou da Universidade, quisesse apresentar como reitor?

Elias: Devo poupar, inclusive, nomes de pessoas que estão hoje trabalhando internamente. Havia pelo menos umas três ou quatro reivindicações de dentro e de fora. Professores reivindicaram, mas eu ainda falava pelo comando, e concordamos que a decisão dentro da legalidade e da decência era do Conselho Diretor.

Júlio: Há uma coisa interessante que eu estava me lembrando também aqui. Nesse período da crise nós fazíamos funcionar os Colegiados Superiores da Universidade; o Conselho Universitário tem atas, tem registro. Essa questão dos Colegiados ajudou, porque você tinha o comando no fronte político; do ponto de vista institucional, da coisa formal, o Conselho Universitário se reunia e deliberava.

Elias: Para fazer justiça, há um nome do qual estamos nos esquecendo e que exerceu um papel muito importante, que foi o Gustavo Alvim. Porque o Gustavo nunca foi posto sob suspeição pela Igreja. Ele era, antes de tudo, Igreja; ele dialogava conosco e ficou do lado da nossa posição. Então, ter um metodista como ele do lado dos grevistas foi uma coisa que a Igreja teve de engolir. Agora, há uma coisa muito importante: aquele período modificou a Igreja Metodista e ela nunca mais foi a mesma. É em função daquele período que hoje as instituições de ensino superior estão na área geral. Outro nome, que também

não pode ser esquecido, é o do bispo Oswaldo, que cerrou fileiras ao lado da Academia e repudiou a violência do Conselho Diretor de modo muito contundente.

Júlio: Sim, porque naquela crise, a Unimep se transferiu para a área geral e, que eu saiba, nenhum diretor foi deposto. Depois disso continuou o modelo de negociações. Negociações, às vezes, muito duras, como aconteceu agora com a Alba lá no Rio Grande do Sul. Não era assim antes. Quando a Igreja desconfiava de alguém, depunha, simplesmente. A crise foi um divisor de águas; foi um processo que ajudou muito a Igreja, mas acredito que ela tinha certa razão: a Universidade cresceu mais do que ela e ela passou a ser representada no País pela Universidade. Atualmente, a Igreja é outra. Houve crescimento significativo; começou a aparecer o grupo carismático. Hoje a Igreja Metodista é uma Igreja de maioria carismática. Não sei que quiproquó vai dar isso aí na frente: carismáticos e universitários não se beijam. A Igreja não se sentia bem, e não deve se sentir bem, com o espírito universitário. Tenho dito nas minhas palestras para a Igreja: “A tarefa da Igreja é confiar, a tarefa da Universidade é duvidar”; então são duas coisas: a Igreja tem a verdade, a Universidade tem a dúvida; as duas não podem fazer mistura porque a Universidade que crê é tão perniciosa quanto a Igreja que duvida.

Júlio: Vendo seu percurso dentro da pós-graduação, eu acho que muita dessa marca da sua gestão política é trazida, é mantida em certa medida dentro da pós-graduação em termos de pesquisa, de movimento, de atuação política, não só partidária, mas dentro dos movimentos sociais e da própria Igreja; de algum modo o senhor teve um percurso de trazer para dentro da docência e da pesquisa um pouco dessa marca da sua formação e da sua história da Unimep. Então eu queria provocá-lo para ouvir um pouco dessa sua quadra mais recente.

Elias: Ser professor do Programa de Pós-Graduação tem grandes vantagens e tremendas desvantagens. Uma delas é que a gente se sente sempre em dívida, em déficit. O Programa de Pós-Graduação é um programa exigente, que pede que estejamos sempre atualizados, e até por questão de saúde não me tem sido possível manter o padrão de leitura exigido, o padrão de pesquisa. Pesquisador eu nunca fui. Eu me considero um bom professor; sala de aula eu tenho, e nas leituras, me esforço.

Júlio: Eu quero fazer um aparte e lembrar que o senhor também tem trabalhado na Pedagogia. Eu me lembrei disso porque os alunos de Pedagogia gostam muito de sua disciplina.

Elias: Ainda agora estou com uma turma de 76 alunos. Você e o Prof. Bruno tiveram a feliz ideia de colocar o Prof. José Maria junto comigo. Foi muito bom. Do nosso ponto de vista, o curso está ótimo. Então, trabalhar na Pós tem esse problema de a gente estar sempre em déficit. Eu não me lembro de nenhum dia em que tivesse me sentido confortável; porque trabalho com pessoas que estão à minha frente, gente que pesquisa, que escreve, que vai longe, que não consigo acompanhar. Então meu consolo é a sala de aula, que eu não troco pela dos meus colegas, com todo o respeito que tenho a eles, porque a preocupação, em minha na sala de aula, é fazer educação e aí sou meio paternalista com os alunos, no sentido

de acompanhá-los, de vê-los escrever, convidá-los à participação, à revisão de existência. Preocupo-me com o conteúdo, sim, mas muito mais com o existencial do aluno; não só na sala de aula como na orientação. Não tenho a pretensão de estar na linha de frente, no que se refere à pesquisa dentro da pós-graduação, e não vou conseguir mesmo porque tem gente aí muito boa, especialmente essas professoras que estão chegando agora. Estão chegando com a corda toda. É gente de pesquisa mesmo. Você, Prof. Bruno, tem vários livros. O Prof. Júlio também. Então essa pretensão eu não tenho. Qual é a minha pretensão? Minha sala de aula tem que ser boa, boa dentro da minha preocupação central, ser uma sala de aula viva e participante. Meu programa de orientação é a mesma coisa. No núcleo trabalho na mesma direção de me preocupar com o existencial dos alunos, porque esses alunos da Unimep são emocionalmente meio desamparados, especialmente na Pós. No período de tese ou dissertação eu trabalho muito em cima disso, porque é período que provoca separação de casamento, destruição de família mesmo, debandada para diversos lados, porque é um choque. A graduação tem tido essa pobre função de passar comunicações aos alunos. Então a pessoa, quando se forma, sente-se incompetente, sem capacidade de fazer revisões, e a pós-graduação acaba por dizer aos graduados que o que eles fizeram vale pouco, que eles têm que mudar. Então minha preocupação na pós-graduação é essa: acompanhar o orientando. Nunca me senti perseguido nem desprezado. Minha sala de aula é uma sala bem simples. Avanço um pouquinho mais em metodologia, mas pouco. Creio que poderia dizer tranquilamente, sem nenhum vexame: “Não esperem que eu seja um pesquisador. Sou professor. Minha tarefa é ser professor e a pós-graduação deve sentir isso, porque pude ajudar muita gente através da sala de aula”.

Bruno: Então, explorando a contradição, a ambiguidade que você mesmo coloca, estar na Pós e não ser pesquisador, eu queria ressaltar o seguinte: sua dissertação de mestrado é na área da educação metodista no Brasil e, pelo menos desde 1996, quando me encontrei com você como professor do PPGE, você vem continuamente investigando questões relacionadas a essa temática da educação protestante, da educação metodista e, ao mesmo tempo, formando uma série de pesquisadores no mestrado e no doutorado nessa perspectiva. Isso não é fazer pesquisa?

Elias: Tudo bem. Pesquisa entendida assim, eu acredito. Você tem aqui o Jorge Hamilton, a Tânia, a Rosa, gente que já veio e foi embora, como o Miguel Montana e muitos outros (muitos não são metodistas), que desse convívio foram aprendendo e não há a menor dúvida de que ninguém hoje, e eu digo ninguém sem exagero de linguagem, fala de educação metodista sem ouvir a Unimep, sem ouvir a pós-graduação da Unimep. É só fazer uma leitura da revista do Cogeime que você vai ver lá a pós-graduação da Unimep fazendo pesquisa, por exemplo, sobre profissionalidade. Sem ouvir a Unimep, não tem jeito. Também essa questão de bibliografia sobre educação metodista tem sido buscada aqui. Nossa pesquisa da pós-graduação é uma pesquisa muito compromissada, com gente engajada. O interessante é que na pós-graduação, que eu saiba, há linhas diferentes: teoria crítica, dialética, complexidade. Mas é um convívio harmônico, um convívio suave; não há qualquer

dificuldade, digamos assim. Não exige tolerância, exige convívio. Tolerância pode existir em função de doença, idade, de outras coisas, mas em função do modo de pensar, não. O Programa de Pós-Graduação da Unimep é um Programa rico, e esse é um testemunho que não é meu que estou nele, é de gente de fora. As professoras que estão chegando gostam de trabalhar dentro do programa porque não há proibições. O controle é o mínimo necessário, as pessoas se sentem bem, não há coação... É assim que eu vejo. Como professor, eu me sinto muito bem no Programa. Se existe mal-estar é em função da cobrança acadêmica; a gente se sente sempre em déficit. Precisa ir atrás, é bom, isso ajuda, mas é uma cobrança respeitosa. Eu me sinto muito bem com a pós-graduação.

Bruno: Uma coisa interessante: você saiu da reitoria em 1986, e de lá até agora você está na Pós. Você era reitor e desde o início dos anos 1970 sempre teve cargo administrativo, mas no PPGE você nunca teve um cargo administrativo. Por que isso? Você não quis, ou não quiseram?

Elias: Porque nunca fui cogitado, ninguém nunca pretendeu isso, o que bate com meus interesses também. Estou dizendo que não sou pesquisador, mas gosto muito de estar atualizado com a leitura sobre a questão do metodismo e nunca me empenhei em pleitear cargos, nunca disputei cargo, sempre preferi a sala de aula, preferi estar junto do alunado. O poder realmente cansa e desgasta.

Muito da precária saúde que eu tenho hoje devo ao período da reitoria. Mas não posso reclamar, porque fui muito bem remunerado no período todo. O poder não gratifica, é tremendamente ingrato. Bom mesmo é a sala de aula e talvez melhor seja a pesquisa. Mas sou mais encantado com a sala de aula. A sala de aula da Pedagogia, 76 alunas, é trabalhosa, mas altamente gratificante. Eu me sinto muito bem como professor da Pós e em meus cursos não tive falta de aluno. Agora estou com 12 alunos orientandos. Outro dia você me chamou a atenção de que há um a mais. E que está saindo um agora. Todavia quero insistir que meu forte é a sala de aula e a orientação, voltadas para o existencial do aluno. No Granbery se dizia com insistência: “É nossa tarefa formar gente, e só depois profissionais e pesquisadores”.

Bruno: Só para terminar, eu gostaria que você falasse um pouco do que talvez devêssemos ter perguntado e não perguntamos e como você se sentiu nessa entrevista.

Elias: Eu me senti muito bem. Depois dos 60 anos a gente gosta de repetir e eu me senti bem, falei à vontade. Acho que a Unimep está no caminho certo. Essa debandada na direção do mercado não é só da Unimep, é mundial. Então ela reflete muito esse momento. Falei no Seminário que nós tivemos aqui que já é tempo de revermos o documento “Vida e Missão” da Igreja Metodista, porque hoje o ambiente é mais complexo do que dialético, a complexidade é muito grande. Então, a Unimep mudou, são novos tempos; eu acho que ela está no caminho certo, mas cabe a nós também exercer uma vigilância permanente, discreta, sobre os rumos, porque o reitor, seja quem for, é simplesmente massacrado pelas pressões, e se ele ficar sozinho vai errar muito. Daí, prestigiar o Conselho de Ensino e Pesquisa, que me parece que funciona bem hoje, o Conselho Universitário, os colegiados

de curso... Isso é muito interessante, não por duvidar do reitor, mas por ajudá-lo a manter a Universidade mais escola do que Igreja: isso é muito necessário. Esta minha afirmação de que a Universidade não pode ser Igreja, muitas vezes tem sido mal compreendida, mas quero reafirmá-la. Universidade Igreja torna-se necessariamente medíocre, porque passa a trabalhar com referencial que lhe é estranho. Por outro lado, pessoalmente detestaria frequentar Igreja que aos domingos esquecesse sua função consoladora e transformasse seus cultos em encontros de filosofia, sociologia ou outra ciência qualquer. Vou à Igreja buscar consolo, reforço espiritual para uma vivência compromissada ao longo da semana. Sou metodista, considero-me ajustado e fiel à Igreja. Tenho-a como boa mantenedora, mas seria grandemente danoso para ela e para a Universidade se houvesse esta confusão, se deixassem de ser instituições complementares para serem interferentes uma na outra, sem cuidado com a preservação do necessário distanciamento e respeito mútuo.

DADOS DOS AUTORES:

BRUNO PUCCI

Docente do Programa de Pós Graduação em Educação
da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP

JÚLIO ROMERO

Docente aposentado do Programa de Pós Graduação em Educação
da Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP

DADOS DO ENTREVISTADO:

ELIAS BOAVENTURA

Foi docente do programa de Pós Graduação em Educação
da Universidade Metodista de Piracicaba

Publicado originalmente na edição Vol. 10.2 de 2003